



EXCURSIONANDO PELO UNIVERSO DE AUTA ROSA DE AMARANTE: NARRATIVAS DE VIDA, RELIGIOSIDADE AFRODESCENDENTE E RESISTÊNCIA FEMINISTA¹

Flávia Regina Sousa Martins²

Resumo: As narrativas de vida são utilizadas para colher informações em um espaço específico a fim de compreender como as relações entre determinados fenômenos acontecem alterando e modificando realidades. Através do relato de experiência das pessoas que preservam a memória da história da cidade de Amarante (PI), buscou-se os elementos que contribuíram para o entendimento da devoção em torno de Auta Rosa. Mulher negra, descendente de escravos, ao morrer teve seu corpo sepultado fora do cemitério devido a sua condição étnica e social e anos depois, considerada “santa” no imaginário popular. A análise dos relatos apontou para interseccionalidades que relacionam resistência feminista negra, religiosidade afrodescendente e histórias de vida. A vida de Auta e a história de resistência de outras duas mulheres negras, duas ancestrais que desafiaram a ordem estabelecida na qual mulheres negras não estudam, elas se casam, cuidam dos afazeres domésticos, do marido e dos filhos. Histórias separadas por séculos se revisitam e encontram ressonância entre si.

Palavras-chave: Auta Rosa. Narrativas de vida. Religiosidade afrodescendente. Resistência feminista.

¹ O presente artigo é um recorte do terceiro capítulo do Trabalho Final do Mestrado Profissional na Linha de Atuação Gênero Feminismos e Diversidade, desenvolvida na Faculdade EST no período de 2015 a 2017 sob orientação do Dr. André S. Musskopf.

² Possui graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade de João Pessoa – PB (1999) e Formação em Psicologia. cursou o Mestrado Profissional na Escola Superior de Teologia (2015-2017) na área de Gênero, Feminismos e Diversidade, com ênfase em Teologia Prática. Atualmente é Psicóloga na Prefeitura Municipal de Floriano – PI, Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu – Floriano – PI e Professora de Psicologia da Faculdade de Floriano – FAESF – PI.. Contato: clsantabarbara@outlook.com

Abstract: Life narratives are used to gather information in a specific space in order to understand how relationships between certain phenomena happen by changing and modifying realities. Through the experience report of people who preserve the memory of the history of the city of Amarante (PI), we sought the elements that contributed to the understanding of devotion around Auta Rosa. Black woman, descendant of slaves, when she died had her body buried outside the cemetery due to her ethnic and social condition and years later, considered "holy" in the popular imagination. The analysis of the reports pointed to intersectionalities that relate black feminist resistance, African descent religiosity and life stories. Auta's life and the history of resistance of two other black women, two ancestors who defied the established order in which black women do not study, marry, take care of household chores, husband and children. Stories separated by centuries are revisited and resonate with each other.

Keywords: life narratives, Afrodescendent religiosity and feminine resistance.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As narrativas sempre foram utilizadas para dar conta de trazer à discussão os mais diversos temas envolvendo a singularidade de pessoas que compartilham espaços coletivos, comunidades ou categorias de análise em tempo presente ou remoto. As narrativas permitem o resgate de histórias de vida através da busca de informações em um espaço específico onde a pretensão seja compreender as relações entre determinados fenômenos que tenham ficado para trás em algum momento da história.

Estudar a resistência feminista neste trabalho é estudar histórias de vida ligadas pela afro descendência e pela religiosidade que permeou a vida de duas mulheres que de modo muito direto, mesmo sem conhecer absolutamente nada sobre os feminismos existentes tiveram suas vidas marcadas e transformadas por este fenômeno. Mulheres negras, que, cada uma a seu tempo resistiram ao que lhes fora imposto enquanto padrão normativo de comportamento e de construção de identidades forjadas no sonho de vir a ser através de sua descendência.

Entende-se que a importância da realização de pesquisas envolvendo a temática justifica-se devido a necessidade de maior conhecimento e compartilhamento de saberes entre as diversas áreas e ao mesmo tempo de fazer chegar às pessoas os resultados destes estudos feitos, trazendo a teologia e a teologia feminista para espaços de construção de saber e

reconstrução de ideias e modos de ver as questões que envolvem as mulheres independentemente do tempo e da história.

Nesse sentido, o tema em discussão versa sobre a religiosidade popular, afro descendência e discriminação racial, presentes na história de vida de três mulheres desconhecidas e invisibilizadas em seus contextos de vida: Auta Rosa de Amarante, Isabel Pereira Rocha e Maria Helena Sousa. Três mulheres negras, que foram vitimadas em épocas distintas pela pobreza, machismo e discriminação racial consequência da escravidão e do patriarcado e das desigualdades sociais.

Auta Rosa teve seu corpo sepultado no lado de fora de um cemitério devido a sua condição étnica, social e econômica; Isabel teve sua casa e seus pertences vendidos ao ser abandonada pelo esposo com três filhas e dois filhos menores para criar sozinha sem abrigo e sem recursos e Helena filha de Isabel que aos 11 anos, desabrigada pelo pai, abrigou-se com sua mãe, seus irmãos e irmãs embaixo de uma árvore às margens de um rio. Pretende-se, pois, encontrar as imbricações entre as histórias de vida destas mulheres.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fenomenológica e ao mesmo tempo qualitativa que utiliza os relatos etnográficos e a tradição oral como instrumentos. A análise dos dados se deu a partir da metodologia feminista que busca dentre outras coisas a resignificação de histórias de vida como forma de entender e desconstruir padrões estereotipados dando assim maior visibilidade a personagens esquecidas pela história de um povo, de uma cultura ou de uma etnia.

Para alcançar o que se pretende utilizaremos autoras como Ivone Gebara³ que analisa a "fenomenologia do mal" e o "triplice pecado de ser mulher, pobre e negra em seu livro Rompendo o silêncio; Denise Botelho que igualmente discute a interseccionalidade emergente como forma refletir sobre o protagonismo das mulheres negras como estratégia de reconhecimento e valorização do ser mulher negra em uma sociedade eminentemente masculina,

³ GEBARA, Ivone, Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal/Ivone Gebara; tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

machista e branca. Marie Cristine Josso⁴ que apresenta e discute a narrativa das histórias de vida como uma metodologia de pesquisa e experiência formadora, como busca de si mesmo, do conhecimento e do sentido da vida. Outros autores locais da cidade de Amarante como Virgílio Queiroz⁵ e Homero Castelo Branco⁶ que apresentam versões distintas de uma das personagens da narrativa parte deste trabalho.

EXCURSIONANDO PELO UNIVERSO DE MULHERES E SUAS NARRATIVAS DE VIDA, INSPIRAÇÃO E RESISTÊNCIA FEMINISTA; AUTA ROSA, ISABEL E HELENA

O estudo realizado neste artigo visa contribuir inicialmente com o entendimento da devoção em torno de Auta Rosa a partir da história oral e das referências existentes acerca de sua história de vida e morte. Tem como perspectiva teórica a teologia feminista e teologia feminista negra enquanto metodologias que servirão de guia para nos conduzir em direção a esse entendimento. Em outras palavras, busca-se compreender como os elementos chave das teologias feminista e feminista negra ajudam a refletir sobre a construção das narrativas sobre Auta Rosa e a devoção criada em torno dela e a história de vida de outras duas mulheres com histórias de vida semelhantes e com desdobramentos distintos.

Está organizado seguindo uma linha de pensamento que inicialmente apresenta de forma breve as narrativas das personagens Auta Rosa, Isabel e Helena para em seguida trazer as discussões teóricas que fundamentarão a relação das narrativas de vida e suas imbricações entre si e destas com as concepções teóricas apresentadas.

Auta Rosa era uma jovem negra, descendente de escravos e escravas que viveu entre os anos de 1861 e 1890, na cidade de Amarante, interior do

⁴ JOSSO, Marie Cristine. *Self-transformation through narratives of live stories. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação. Traduzido por Maria do Carmo Monteiro Pagano, Porto Alegre, 2007

⁵ QUEIROZ, Virgílio. Documentário Auta Rosa, 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

⁶ BRANCO, Homero Castelo. *Ecos de Amarante*. Litteris Editora Ltda.: Rio de Janeiro, 2001

Estado do Piauí, na casa de parentes. Foi descrita por Branco⁷ como uma mulatinha magricela, mas de extraordinárias virtudes. Durante o tempo em que morou com seu padrinho e com sua madrinha servia como ama da filha do casal e era responsável pelos afazeres domésticos. Segundo ele, Auta tornou-se uma jovem de grande beleza e bondade, o que despertava a admiração de homens negros e o desejo de homens brancos que a cortejavam insistentemente. O autor segue afirmando que ela permaneceu com os parentes até a adolescência quando supostamente engravidou e envergonhada pelo desrespeito com a família que a acolhera, resolveu por livre vontade ir embora, apesar da insistência para que ficasse morando com eles.

Queiroz⁸ refere que, Auta sofreu violência sexual, foi prostituída, explorada sexualmente, provavelmente por um dos parentes, o qual teria arrebatado seu filho ao nascer, mandando-o para longe a fim de não envergonhar e não deixar mácula na imagem da família.. Ainda fazia parte das atribuições de Auta, para além das funções domésticas que realizava na casa onde morava, a tarefa de amamentar os filhos de mulheres da família onde morava bem como de outras mulheres da cidade que não apreciavam a amamentação por questões estéticas. Essa versão ainda hoje é recontada por pessoas mais antigas da comunidade que assim ouviram a partir das narrativas de seus antepassados

Ainda conforme Queiroz⁹ a situação de grande vulnerabilidade após sair da casa dos parentes, a mesma teria começado a “vender o corpo” e se prostituir como forma de garantir a criação do filho e sua própria sobrevivência. Realizava trabalho benemérito cuidando de pessoas vitimadas pela tuberculose, tendo posteriormente contraído a enfermidade porque cuidava dos corpos de pessoas enfermas e daquelas que morriam em decorrência da doença. Lavava seus corpos para serem enterrados e, assim, veio a contrair a doença. Quando do seu falecimento lhe foi negado o direito de ser sepultado dentro do cemitério e teve seus restos mortais sido enterrado em uma cova por fora dos muros do cemitério.

⁷ BRANCO, 2011, p. 35.

⁸ QUEIROZ, 2011, p. 56.

⁹ QUEIROZ, 2011.

Passados alguns anos, uma tentativa de retirar os restos mortais do espaço que ocupava para ser transladado para dentro do cemitério o toque da enxada teria alcançado partes do seu rosto e do mesmo teria jorrado sangue, o que no imaginário religioso das pessoas da cidade representava uma forma de santidade. A partir de então a mesma passou a ser cultuada e a ela são oferecidos diariamente em seu tumulo, velas e flores como forma de agradecimento pelas bençãos e graças recebidas.

As outras duas mulheres, Isabel e Helena, apesar de histórias de vida mais comuns vivenciaram experiencia significativas e que apresentam semelhanças com as narrativas de Auta Rosa. Isabel e Helena, mãe e filha, duas mulheres originárias da região Nordeste, no Estado do Piauí foram abandonadas pelo esposo e pai juntamente com outros dois irmãos e duas irmãs, tiveram os poucos bens que possuíam, inclusive a casa, vendidas pelo então chefe da família, condição que as obrigou a se abrigarem embaixo de uma árvore à beira de um rio.

Isabel foi mulher negra, parteira, benzedeira, que após o abandono sofrido passou a lavar e passar roupas para manter o sustento da família. Tinha como marcas características marcantes como a alegria, a compaixão e o desprendimento de bens materiais. Educou da forma que foi possível os filhos e filhas sem nunca perder a autoridade e a docilidade com que tratava a todos. Ao falecer teve sepultado no mesmo momento em que ela o corpo de um bebê que nascera e por consequências do parto veio a falecer horas depois. Deixou no imaginário das pessoas de sua família a lembrança e a coincidência de uma mulher parteira ser a companhia de um anjo (assim chamado na cultura popular o recém-nascido que morre ainda sem o ritual do batismo cristão).

Helena, filha de Isabel, foi resgatada da condição de desabrigada por uma família de pessoas conhecidas e passou a cuidar da casa daquela família, com as mesmas obrigações que foram definidas para Auta Rosa: cuidar da casa e da alimentação de todos, cuidar dos filhos que não gerou, do casal que a acolhera quando a partir de então foi chamada de mãe preta. Casou-se aos 17 anos de idade alimentando o sonho de ter um sobrenome, seu esposo, sua casa, sua família e seus filhos. Teve quatro filhas mulheres e trabalhou arduamente para dar a todas elas a educação escolar que não teve e assim

contribuir para que suas filhas não dependessem de uma figura masculina, pai ou marido. Foi com grande esforço, muito trabalho e resistência feminista que conseguiu que cada uma das filhas tivesse uma formação superior. Hoje aos 70 anos, ainda vive de forma independente e feliz por segundo a mesma levar consigo a tranquilidade de ter cumprido sua missão da qual tanto se orgulha.

IDENTIFICANDO RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE AUTA ROSA, ISABEL E HELENA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA À LUZ DA TEOLOGIA FEMINISTA

Estudar o feminismo configura-se, no meu entendimento, uma experiência edificante e transformadora no sentido de fazer buscar novos modos de perceber a realidade. Esse novo caminhar promove todo um processo de desconstrução de entendimentos e concepções ingênuas, sem, no entanto, perder de vista a necessidade de, a partir dessa tomada de consciência, abrir-se para novas possibilidades de reconstrução das concepções anteriormente vividas e consideradas importantes.

Existe uma relação direta e indissociável entre os movimentos promovidos pelas mulheres na luta por seus direitos civis fundamentais para a promoção de sua cidadania e o surgimento da teologia feminista, advinda da organização e sistematização das reflexões feitas pelo movimento feminista que nasce a partir da necessidade das mulheres de buscar, em um contexto absolutamente machista discutir questões importantes para o alcance de uma nova condição social e política. Essa conquista abriu caminhos para outras perspectivas acerca das possibilidades da ocupação de espaços eminentemente ocupados por homens a exemplo das representatividades dentro dos movimentos religiosos, igrejas e templos.

A ousadia das mulheres na história de pensar, contestar, questionar e se indignar com aquela condição denunciada pelos movimentos sociais, entre eles o movimento feminista, levou ao que hoje se conhece como feminismo e também o que se conhece sobre a teologia feminista. Isso porque se permitiram ser capazes. Capazes de transformar o que lhes era imposto secularmente através de uma educação familiar patriarcal rígida, de uma

educação religiosa dogmática e de uma forma de pensar o conhecimento como privilégio dos homens. Tudo isso fez mudar a condição de vida e de existência das mulheres, hoje empoderadas e em constante processo de luta, conquista e ocupação dos mais diversos espaços de poder.

Questionamentos específicos sobre a teologia feminista, o conceito de interseccionalidade e a "fenomenologia do mal" conduzirão as discussões a seguir como forma de encontrar nesta discussão, uma possível relação entre Isabel, Helena e Auta Rosa de Amarante que em sua existência, vida, morte e devoção, poderia representar tudo aquilo que inquietou as mulheres negras ao reivindicarem para si uma forma de pensar e de entendimento próprios.

Atualmente, pensar Auta Rosa como mulher, negra, escravizada, pobre, socialmente excluída em vida e depois de sua morte, acende uma luz sobre os elementos que contribuíram para que a teologia feminista negra fosse conceituada, historicizada e caracterizada a partir de demandas específicas. Sua trajetória de vida leva ao conceito de interseccionalidade através do qual também se torna possível compreender um pouco mais sobre tudo isso.

No encontro da Rede de Mulheres Negras do Pernambuco,¹⁰ realizado em abril de 2017, Denise Botelho, refletiu sobre o protagonismo das mulheres negras como estratégia de reconhecimento e valorização do ser mulher negra em uma sociedade eminentemente masculina, machista e branca.

Em sua exposição fez compreender que a interseccionalidade e o protagonismo precisam ser entendidos como o resultado de um processo de olhar para si e perceber-se com suas identidades étnica, sexual ou religiosa. Entender que o feminismo negro tem a ver com a luta antirracista e a defesa dos princípios de equidade étnico raciais; com a luta de mulheres que abriram mão de sua alforria para libertar tantas outras de seus grilhões na história e que hoje precisam ver as correntes que ainda prendem e escravizam e contribuir com a superação de outras formas de escravidão; que o feminismo necessita elaborar estratégias que permitam às mulheres negras a ocupação de espaços de poder, até mesmo a partir de alianças com outras mulheres brancas parceiras não subordinadas que possam abrir caminhos onde

¹⁰ Encontro da Rede de Mulheres Negras do Pernambuco realizada em Recife. Palestrante: Denise Botelho. Abril de 2017.

normalmente a mulher negra ainda encontra obstáculos, pois ao buscar alianças se está também levando o saber, a luta, a consciência enquanto movimento organizado e articulado em luta pelos direitos da coletividade.

A existência de mulheres como Auta Rosa, Isabel e Helena nos faz entender, a partir as discussões de Gebara¹¹ que analisa a fenomenologia do mal no feminino em seu livro “Rompendo o silêncio”. Em sua análise a autora diz que o social atribui a algumas mulheres um tríplice “pecado”: o mal de ser mulher, ser pobre e, acima de tudo, ser negra.¹²

O não saber acerca da construção da própria identidade enquanto mulher negra promoveu a aceitação de uma condição de vida sem grandes perspectivas do ponto de vista para algumas mulheres perdidas na história como Auta Rosa e Isabel que é minha avó. Novamente é possível entender a partir de Ivone Gebara, na obra citada anteriormente, que este não saber relaciona-se muitas vezes com a negação do acesso das mulheres às diversas formas de conhecimento levando-as à acomodação e aceitação tácita de sua condição. Porém a mesma consciência do não saber e a sensação por ele trazida provocou inquietação em outras mulheres como Helena que é minha mãe e em mim.

Foi este sentimento de inquietação que me fez pensar em um objeto de estudo que pudesse me dar condições de vir a saber, de conhecer a mim mesma e de reaprender além daquilo que acreditava ser a minha história única e que funcionou, durante muito tempo, como perspectiva para as relações estabelecidas até então. Dessa forma, pode-se dizer que o fio condutor para este vir a saber foi a necessidade de conhecer mais da minha história enquanto mulher negra, mesmo que através de outras narrativas. Histórias que são impactantes, que chamam para si a atenção pela importância que tiveram, pelas mudanças que proporcionaram, pelas contribuições que possibilitaram acontecer.

Nessa busca encontrei ressonância em Marie Cristine Josso em seu livro “Experiência de vida e formação”. Nessa obra a autora apresenta e discute

¹¹ GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Ivone Gebara. Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis/RJ: Vozes. 2000. p. 73.

a narrativa das histórias de vida como uma metodologia de pesquisa e experiência formadora, como busca de si mesmo, do conhecimento e do sentido, onde segundo a autora o trabalho de reflexão a partir da narrativa de formação de si, pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, permite estabelecer mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.¹³

Assim sentindo, iniciou-se, então, uma busca por histórias que dessem sentido a esta construção e que, ao mesmo tempo, ressignificassem o processo de formação da minha identidade. Foi assim que me deparei inicialmente com uma história de Auta Rosa e redescobri a história de minha avó e minha mãe. Esse encontro caracteriza o que Josso chama de *chaminner* ver soi ou caminhar para si, ou seja, um movimento de busca de si mesmo a partir do que ela chama de aprendizagens, dentre as quais as aprendizagens relacionais me permitiram o conhecer mais a partir da comunicação com o outro, inicialmente na pessoa de minha mãe e posteriormente no que veio a representar a vida de Auta Rosa de Amarante.¹⁴

Hoje entendo que a identidade construída durante minha infância e adolescência teve uma influência muito grande da percepção que a minha mãe teve a vida inteira sobre o que representava ser mulher pobre e negra na realidade em que ela viveu por longos anos.

Foi com ela que aprendemos, tanto eu como minhas irmãs, qual era “o nosso lugar” numa sociedade racista. A partir de sua experiência de vida e repetindo coisas que ela certamente aprendeu duramente, ela dizia: “Gente preta não tem que se misturar com gente branca”; “seu cabelo é ruim por isso tem que cortar baixinho como se fosse cabeça de homem”; “precisa alisar pra ficar parecendo gente”; “tem que prestar pra alguma coisa, já não basta ser preta?”

Também com ela aprendemos que este lugar não era definitivo ou estático. Foi sendo a “mãe preta” daquelas crianças brancas que frequentavam

¹³ JOSSO, Marie Cristine. *Self-transformation through narratives of live stories/ A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação. Traduzido por Maria do Carmo Monteiro Pagano. Porto Alegre/RS. 2007. p. 413.

¹⁴ JOSSO, 2007, p. 422.

boas escolas que ela entendeu, desde cedo, que a partir da educação, que ela não teve, mas que sonhava para nós, era possível vir a ter um futuro diferente. E essa possibilidade de vir a ser algo a mais do que ela foi, na sua concepção, era representada por uma formação superior e um bom emprego para, assim, alcançar independência financeira e não depender de ninguém, como ela um dia dependeu, junto com minha avó, seus irmãos e suas irmãs, daquele pai que as/os abandonou. Com ela aprendemos a valorizar os inúmeros sacrifícios feitos, a exemplo das incontáveis noites de sono que passava costurando para assim sustentar a família que veio a constituir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o presente trabalho tem-se como possibilidade inicial o entendimento de que a percepção da existência de inter-relação entre histórias de vida são um ponto chave importante para o enriquecimento das discussões e construções teóricas e de vivenciais.

O reconhecimento de Auta Rosa, e sua resistência enquanto mulher negra, denotam a resistência e o empoderamento que o feminismo enquanto movimento e enquanto teoria precisam atentar, uma vez que, da forma como se organizam, ampliam os distanciamentos entre si e as mulheres negras, que por consequência não se veem representadas. Na prática isso representa um pensar estratégias de ações coletivas a partir do cotidiano das mulheres no intuito inicial de reduzir as distâncias e aproximar experiências de vida e de formação para que seja possível avançar na luta em busca por justiça e igualdade de direitos entre homens e mulheres independente de raça, etnia ou manifestação de religiosidade.

O termo resignificar, dentro de uma compreensão etiológica, implica dar um outro significado a partir de algo para o qual já existe sentido. A teologia feminista negra pode resignificar a história de vida e morte de Auta Rosa, partindo da ideia geral que uma mulher negra prostituída e ao mesmo tempo considerada “santa” pelo imaginário popular, que representa o somatório de muitos estereótipos os quais se procura evitar, através de uma hermenêutica feminista traz para o centro da discussão alguns questionamentos importantes

de serem feitos: o que significa ser mulher negra hoje? Que outras leituras são possíveis de fazer do processo de escravização do qual as mulheres negras foram brutalmente vitimadas? Como contribuir para que essa mulher hoje olhe para si e para sua experiência de vida com outro olhar, orgulhando-se de ter lutado e para que outras alcançassem a liberdade e os direitos que hoje fazem parte de um coletivo? O que representa hoje para as mulheres negras de Amarante manterem uma sepultura de uma mulher como Auta Rosa, do lado de fora do cemitério? O que isso diz sobre o preconceito, o orgulho, a negritude? Respostas a estes questionamentos talvez possam apontar os diversos significados que possam ser atribuídos à história de vida e morte de Auta Rosa de Amarante, bem como os diversos caminhos que possam levar ao encontro de possíveis respostas como foi a redenção da sua história a partir da história de vida de outras mulheres como minha avó Isabel, minha mãe Helena e eu autora deste trabalho. Mas essa é uma outra história a ser narrada em outro momento.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Homero Castelo. *Ecos de Amarante*. Litteris Editora Ltda.: Rio de Janeiro, 2001.

BRANCO, Homero Castelo. *Auta Rosa*. Gráfica e Editora do Povo Ltda.: Teresina, 1999.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*/Ivone Gebara; tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JOSSO, Marie Cristine. *Self-transformation through narratives of live stories. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação. Traduzido por Maria do Carmo Monteiro Pagano, Porto Alegre, 2007.

QUEIROZ, Virgílio. *Documentário Auta Rosa*, 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.